

04/10/2019

Arte, Morte e Cuidados Paliativos

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

O domingo tem se transformado em atividades físicas, leituras, reflexões e às vezes samba, quando vou a Copacabana me confraternizar com o Grupo Resistência e Samba...

Ontem (sábado-28/09) recebi ligação do editor dessa coluna me perguntando sobre minha próxima participação e querendo saber se eu já tinha pensado num tema... Confesso que já tinha pensado, porém ainda não tinha sistematizado o que iria escrever! Hoje, após minha caminhada, começo a elaborar o escrito e fecho o raciocínio após ler a coluna do dia 26/09/2019 da querida Ana Carolina de Oliveira Marques (eguimariana de convicção), cujo título é: “*De que serve o mapa, se o destino está traçado*”. Essa coluna me remeteu ao dia que ganhei o DVD da Maria Bethânia intitulado “Cartas de Amor”, onde também consta a linda composição de Chico Buarque “O Velho Francisco” e, na ocasião, Luciene que me presenteou comentava: ... *Ernani, essa música tem tudo a ver com os cuidados paliativos*. Concordo, é verdade, tem tudo a ver! Terminei minha última coluna afirmando que os cuidados paliativos, hoje em dia, são imprescindíveis na área de saúde e que a oferta desses cuidados no Brasil não é tão linear assim. É verdade, objetivamente quando consideramos que não temos uma política pública que venha sistematizá-los na rede de atenção à saúde no oferecimento de uma assistência digna e humanizada, principalmente para aquelas pessoas que chegam ao auge dos seus 70, 80, 90 e até 100 anos acometidos por uma doença que lhes imputa privação de autocuidados, dependência, violação de suas autonomias e capacidades de ir e vir. Ainda, conscientemente, não fazemos uma discussão séria e amadurecida sobre os destinos dos nossos entes queridos na medida em que a idade avança e as doenças não tardam a chegar! No Rio de Janeiro, no último setembro tivemos uma notícia lastimável e estarrecedora: o incêndio num hospital levou à morte de aproximadamente uma dezena de pessoas que se encontrava na Unidade de Terapia Intensiva (UTI)! Um dos pontos que mais chamou a atenção da sociedade foi a idade dos pacientes que morreram. A maioria das vítimas estava acima dos seus 60 anos de idade e a mais idosa no auge dos seus 96 anos! Salvaguardando as indicações clínicas e respeitando a dor e o luto das famílias, precisamos pontuar e colocar para ventilar na sociedade médica e civil a possibilidade de indicação de cuidados paliativos para as pessoas com doenças crônicas, progressivas e avançadas e, de uma vez por todas, aceitar a “contingência da morte” no nosso meio. E será porque é muito mais comum aceitar o sofrimento desnecessário levado ao extremo na conhecida distanásia (que seria o prolongamento da morte em pacientes sem possibilidade de cura, o melhor exemplo seria do idoso com sua doença crônica, progressiva e avançada internado numa UTI), do que aceitar o momento da morte que bate naturalmente nas portas das nossas vidas.

Continuo afirmando que esse tema deverá ganhar importância social e janelas de oportunidades para se transformar numa realidade palpável possibilitando a minimização de tanto sofrimento no fim da vida. Na canção “*O Velho Francisco*”, encontro alento para concluir essa conversa.

Já gozei de boa vida / Tinha até meu bangalô /

Cobertor, comida / Roupa lavada / Vida veio e me levou

Aqui nos deparamos com as impertinências da vida, com sua transitoriedade e temporalidade.

Fui eu mesmo alforriado / Pela mão do Imperador /

Tive terra, arado / Cavalo e brida / Vida veio e me levou

Essa estrofe reforça que tudo é temporário. Impérios, bens materiais, poder, assim como o vale da sombra, da sombra da morte, também é temporário...

Hoje é dia de visita / Vem aí meu grande amor / Ela vem toda de brinco / Vem todo domingo / Tem cheiro de flor

O lugar longe dos nossos entes queridos, do nosso grande amor também é temporário e até tem cheiro de flor, de saudades, e do que não se viveu...

Quem me vê, vê nem bagaço / Do que viu quem me enfrentou Campeão do mundo / Em queda de braço / Vida veio e me levou Nossas forças, ímpetos, desejos, arrogâncias e disputas também são temporários...

Li jornal, bula e prefácio / Que aprendi sem professor /

Frequentei palácio / Sem fazer feio / Vida veio e me levou

A vida pede sabedoria, o nosso conhecimento sem sabedoria não nos impregna, e nem tampouco nos immortaliza...

Eu gerei dezoito filhas / Me tornei navegador / Vice-rei das ilhas / Da Caraíba / Vida veio e me levou

O vínculo feito durante a vida é imprescindível para o seu término. O fato não é ter ou ser, a grande realidade é manter uma vida catalizadora de bem e paz. O que justifica o final de vida só e triste? Em cuidados paliativos, desaconselhamos a quebra de vínculos, porque sabemos que os domingos de visitas, ao contrário do que muitos pensam, nem todos são visitados e nem tampouco se ganham flores...

Fechei negócio da China / Desbravei o interior / Possuí mina / De prata, jazida / Vida veio e me levou

O dinheiro até pode comprar os vínculos, porém não tem o poder de transformá-los. Em cuidados paliativos defendemos a compaixão, a compreensão do ser que sofre em todas as suas dimensões. Entendemos que a dimensão do sofrimento físico é apenas uma parcela de quem a vida cisma em levar.....

Hoje é dia de visita / Vem aí meu grande amor / Hoje não deram almoço, né / Acho que o moço até / Nem me lavou

O movimento moderno dos cuidados paliativos se preocupa fundamentalmente com isso, com o sentimento de abandono dos que sofrem. Todo ser humano vulnerado por qualquer motivo deverá e precisará ser acolhido dentro de uma abordagem, assistência ou filosofia que venha primar por sua dignidade, prioritariamente àqueles acometidos por doenças com desfechos crônicos. Por isso enxergamos cuidados paliativos como uma questão de direito, direito do ser humano.

Acho que fui deputado / Acho que tudo acabou / Quase que /

Já não me lembro de nada / Vida veio e me levou

Por isso que apregoamos que a velhice ou até uma doença poderá dar sentido à nossa vida tão efêmera.

continua

<p>Tão passageira! Trabalhamos o fim da vida resignificando-o para poder valorar e quantificar as conquistas, os feitos e os legados para que eles não sejam liquidificados no vendaval da vida. Observa-se, após três décadas do início dos cuidados paliativos no Brasil (estamos falando do final da década de 80 do século passado), um grande desconhecimento por parte dos profissionais de saúde, pacientes e de seus familiares do real significado dessa abordagem, desse cuidado em saúde, que tem como pressuposto ético-filosófico acompanhar os pacientes</p>	<p>durante toda a jornada de luta imposta pela doença. Acompanhamento, não numa perspectiva de cura da doença ou vitória sobre a morte, e sim, com o intuito de ampará-los durante toda essa jornada, protegendo-os durante todo o processo de morrer, mantendo-os vivos até o dia de suas mortes.</p> <p>Obrigado Luciene pelo DVD que acabo de escutar pela enésima vez e obrigado Carol pela lembrança! ■■■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	